

Geraldo Holanda Cavalcanti

# O Livro das Origens

UMA LEITURA DESCOMPROMETIDA DO GÊNESIS



# Sumário

APRESENTAÇÃO.....	13
INTRODUÇÃO.....	15
I. A BÍBLIA, LIVRO REVELADO.....	19
REVELAÇÃO E CIÊNCIA .....	20
AUTORIA .....	22
TRADIÇÃO E TRADUÇÃO .....	28
OS NOMES DE DEUS.....	34
II. A CRIAÇÃO .....	37
POR QUE A CRIAÇÃO?.....	37
O HOMEM: A TESE CRIACIONISTA .....	39
O CRIADOR .....	41
AS ETAPAS DA CRIAÇÃO .....	45
PRIMEIRA VERSÃO .....	46
<i>Cosmologia de Bolso</i> .....	51
PRIMEIRO DIA.....	53
SEGUNDO DIA .....	58
TERCEIRO DIA.....	59
QUARTO DIA .....	60
QUINTO DIA.....	61
SEXTO DIA .....	62
<i>Rudimentos de Antropogênese Científica</i> .....	71

SÉTIMO DIA (CAPÍTULO 1) . . . . .	73
<i>Por que Sete Dias?</i> . . . . .	74
SÉTIMO DIA (CAPÍTULO 2) . . . . .	76
A CRIAÇÃO DA MULHER . . . . .	79
OS NOMES DE ADÃO E EVA . . . . .	82
III. A “QUEDA” . . . . .	85
A SERPENTE . . . . .	86
O FRUTO PROIBIDO . . . . .	89
O TENTADOR . . . . .	91
<i>Noções Sumárias de Demonologia</i> . . . . .	93
AS MALDIÇÕES . . . . .	96
A EXPULSÃO . . . . .	98
O PECADO E O PECADO ORIGINAL . . . . .	99
OS GUARDIÃES DO ÉDEN . . . . .	104
O FIM DO “PARAÍSO” . . . . .	105
IV. CAIM E ABEL . . . . .	109
V. OS GIGANTES . . . . .	113
VI. O DILÚVIO . . . . .	115
VII. NOÉ . . . . .	125
VIII. A TORRE DE BABEL . . . . .	129
IX. ABRAÃO . . . . .	133
O RISO DE SARA . . . . .	143
JOSUÉ: UMA HISTÓRIA INTERCALADA . . . . .	144
O CRIME DO POVO DE GABAÁ, SEGUNDA HISTÓRIA INTERCALADA . . . . .	149
LÓ: TERCEIRA HISTÓRIA INTERCALADA . . . . .	151
VOLTANDO A ABRAÃO . . . . .	155
X. ISAAC . . . . .	159
XI. JACÓ . . . . .	169
XII. JOSÉ . . . . .	189
O COMEÇO . . . . .	189
INTERLÚDIO SOBRE A HISTÓRIA DE TAMAR . . . . .	191
O FIM . . . . .	193

XIII. AS DOZE TRIBOS DE ISRAEL .....	199
XIV. DO AMOR DE DEUS E DO AMOR A DEUS .....	203

## APÊNDICES

### *I. Os Mandamentos, os Estatutos e as Normas da Lei Divina*

I. OS MANDAMENTOS .....	211
II. OS ESTATUTOS E AS NORMAS .....	219
III. AS PUNIÇÕES .....	225

### *II. Tratado Mínimo de Angeologia*

I. APROXIMAÇÃO À ANGEOLOGIA .....	235
O ANJO NO ANTIGO E NO NOVO TESTAMENTO .....	235
HIERARQUIA ANGELICAL .....	236
<i>Primeira Tríade: Serafins, Querubins, Tronos</i> .....	236
Os Serafins .....	236
Os Querubins .....	239
Os Tronos .....	242
<i>Segunda Tríade: Dominações, Potestades, Virtudes</i> .....	243
As Dominações e as Potestades .....	243
As Virtudes .....	244
<i>Terceira Tríade: Principados, Arcanjos, Anjos</i> .....	244
Os Principados .....	244
Os Arcanjos .....	246
Os Anjos .....	250
O que são os Anjos .....	250
A Criação dos Anjos .....	251
O Número dos Anjos .....	252
A Aparência dos Anjos .....	253
O Sexo dos Anjos .....	255
As Funções dos Anjos .....	257
O Anjo do Senhor .....	259
O Anjo Exterminador .....	260
Os Anjos da Guarda .....	266
Os Anjos das Igrejas .....	268

II. RUDIMENTOS DE DEMONOLOGIA .....	271
O DEMÔNIO: PRELIMINARES .....	271
ORIGEM DOS DEMÔNIOS .....	272
A CRIAÇÃO DOS DEMÔNIOS .....	275
O NÚMERO DOS DEMÔNIOS .....	276
O DEMÔNIO NO ANTIGO TESTAMENTO .....	277
O DEMÔNIO NO NOVO TESTAMENTO .....	278
OS NOMES DO DEMÔNIO .....	282
<i>Asmodeu</i> .....	282
<i>Beelzebu</i> .....	282
<i>Belial</i> .....	284
<i>Lúcifer</i> .....	284
<i>Satã</i> .....	284
<i>Satanás</i> .....	285
<i>Diabo</i> .....	288
<i>Outros Nomes</i> .....	291
O Maligno .....	291
A Serpente .....	292
O Dragão .....	292
A APARÊNCIA DO DEMÔNIO .....	292
<i>(Parêntese sobre o Enxofre)</i> .....	292
A MORADA DO DEMÔNIO .....	293
<i>O Inferno</i> .....	295
<i>O Xeol</i> .....	298
<i>Abismo, Hades, Tártaro</i> .....	300
<i>O Inferno</i> .....	301
AS RELAÇÕES ENTRE DEUS E O DEMÔNIO .....	302
O FIM DOS DEMÔNIOS .....	305
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	307

## Apresentação

**O** *Livro das Origens: Uma Leitura Descomprometida do Gênesis*, como diz o título, busca ser uma leitura imparcial do Gênesis da Bíblia cristã. O texto bíblico é analisado, na medida do possível, como narrativa autorreferente, livre da carga exegética de natureza semântica, sectária, erudita ou confessional. O leitor terá a atenção chamada a todo instante para a literalidade da narração, com suas incoerências e contradições.

Documento literário histórico, o Gênesis terá sofrido a irremediável influência de mitos e de textos literários religiosos de civilizações a ele anteriores ou dele coetâneos. O presente texto detém-se constantemente nesse aspecto intercultural e literário.

Diferentemente do que faz a bibliografia mais corrente sobre o tema, a obra pretende ressaltar a concomitância da criação dos seres humanos com a dos seres espirituais. A história de uma não pode ser narrada sem a presença da outra. Isso se torna aparente desde o primeiro momento da narração da vida do par adâmico com o surgimento do mal dentro do jardim do Éden.

Para não desviar o leitor do fluxo narrativo da história da criação do homem, uma breve sinopse sobre a criação dos seres espirituais foi incluída, em anexo, como subsídio, sob o título de “Tratado Mínimo de Angelologia”, que inclui, como é óbvio, um capítulo dedicado aos anjos fiéis, e outro, intitulado “Rudimentos de Demonologia”, dedicado aos anjos infiéis.

No que respeita à criação do ser humano é dada a necessária atenção à divergência entre as duas opostas narrações bíblicas sobre a criação do homem e da mulher, contidas no primeiro e no segundo capítulos do Gênesis, das quais resulta a desqualificação da mulher na história da humanidade nas sociedades herdeiras da Bíblia judaico-cristã.

O livro trata sucintamente da contribuição trazida pelos patriarcas – Abraão, Isaac, Jacó e José – para a consolidação da história do Povo da Bíblia, dando o necessário realce ao que cada um trouxe para a tradição histórica.

Embora se restrinja ao primeiro livro da Bíblia, para seu correto entendimento são indispensáveis incursões em outros livros da Bíblia onde estão registrados os Mandamentos, os Estatutos e as Normas que devem reger o comportamento do Povo Eleito de Iahweh, o que requer a consulta aos capítulos apropriados do *Êxodo*, de *Números* e do *Deuteronômio*.

O Autor

## Introdução

Há uma longa tradição católica que ensina a usar a Bíblia como fonte inesgotável de sabedoria, conselho e conforto espiritual, bastando, para tanto, abri-la, aleatoriamente, e ler o texto onde se fixem os olhos. Esse procedimento divinatório procede, em linha direta, do costume pagão, oriundo da Grécia antiga e vigente até princípios da Renascença, conhecido com o nome de *Sortes Virgilianae et Homericae*, que consistia em buscar na *Eneida*, ou na *Odisseia*, vaticínios quanto à fortuna pessoal do consulente. O cicerone de Dante gozou de grande prestígio entre os cristãos na transição da Idade Média para a Renascença, a ponto de ser conferida natureza sagrada a seus textos, particularmente à quarta écloga, na qual se percebiam alusões messiânicas. O papa Nicolau I (885-964) deu foros de legitimidade ao procedimento ao autorizá-lo a ser feito com a Bíblia. Do prestígio das *Sortes Virgilianae*, como são comumente mencionadas a partir de então, dá exemplo o capítulo x do terceiro livro de *La Vie Très Horrificque du Grand Gargantua Père de Pantagruel (A Vida Muito Horrífica do Grande Gargântua Pai de Pantagruel)*, de Rabelais, no qual Pantagruel oferece a Panurge, hesitante quanto à decisão de casar-se, uma grande lista de exemplos históricos de bons resultados obtidos com o recurso. Mas, talvez, as palavras mais importantes a reter de seus conselhos, sejam, precisamente, as com que refuta a eficácia dos vaticínios aleatórios: “*N’estez vous pas sûr de votre volonté? Le point principal y*

*gît, tout le reste est fortuit et ne dépend que des fatales dispositions du ciel*” (“Não estais seguro de vossa vontade? Aí reside a questão principal, todo o resto é fortuito e não depende senão das fatais disposições do céu”)<sup>1</sup>.

O presente livro nasceu de uma aposta comigo mesmo. Num almoço, em Petrópolis, que reuniu um grupo de pessoas de variada formação intelectual, há mais de uma década, aconteceu-me conversar longamente com uma amiga cujo marcante traço de personalidade era ser possuidora de uma fé católica tranquila que fazia suave tudo o que dizia. Minhas dúvidas e inquietações espirituais, reveladas em um livro que estava escrevendo e publiquei alguns anos depois<sup>2</sup>, contrastavam de forma contundente com sua placidez confiante. Disse-me ela que a devia ao costume que tinha de começar o dia com a leitura de alguma página da Bíblia, aberta ao acaso, o que sempre lhe trazia conforto e segurança. E sugeriu-me fazer o mesmo. Não estava errada. A ex-freira americana, Karen Armstrong, hoje prolífica autora de livros sobre religião, diz que ninguém lê um livro sagrado em busca de informação, mas de uma experiência<sup>3</sup>. O que é certo. A experiência procurada por minha amiga era o conforto da fé. E isso ela encontrava, para seu benefício. A mão de minha amiga deve, não propositadamente, é claro, ter-se dirigido predominantemente para o Novo Testamento, pois é difícil supor que só tenha encontrado boas luzes para seu entendimento, e bons conselhos para sua vontade, no Antigo. Este, como se sabe, é, para o católico, o conjunto dos livros considerados canônicos pelo judaísmo, antes do cristianismo, a Torá, acrescido dos livros não canonizados pelos judeus, os chamados Deuterocanônicos, que integram o Cânone cristão: os livros de Esdras, Judite, Ester, o Primeiro e o Segundo Macabeus, o Salmo 151, o Eclesiástico e o livro de Baruc. No presente livro a palavra Bíblia cobre, indistintamente, a Bíblia hebraica e tanto os Deuterocanônicos quanto o Novo Testamento.

Dediquei-me, por alguns dias, a interpelar a Bíblia na forma indicada por minha amiga. E foi funesto o experimento. Caíram-me sob os olhos o capítulo 8 de Josué e a série das matanças necessárias para desocupar a Terra

1. *Œuvres de Rabelais: Adaptation en Français Moderne par Jean Garros*, Henri Beziat Éditeurs, 1936, pp. 249-250.

2. Trata-se da obra *O Cântico dos Cânticos: Um Ensaio de Interpretação Através de suas Traduções*, São Paulo, Edusp, 2005.

3. Karen Armstrong, *In the Beginning – A New Interpretation of Genesis*, New York, Ballantine, 1997, p. 4.

Prometida para o povo de Iahweh. Nova tentativa levou-me, no Gênesis, às mentiras de Abraão ao Faraó, primeiro, e depois ao rei de Gerara, Abimelec, que, para salvar a pele, entrega sua esposa, Sara, aos respectivos haréns daqueles soberanos, um expediente que Isaac reproduzirá, muitos anos mais tarde, com o mesmo Abimelec, enganando-o a respeito de Rebeca. Outra tentativa, e encontro Ló oferecendo as filhas virgens à luxúria dos homens de Sodoma para que deixassem em paz os hóspedes que abrigava. E sucediam-se episódios constrangedores, ora a trapaça de Jacó, em conluio com a mãe, para roubar a primogenitura de Esaú e a bênção de Abraão; ora Iahweh ordenando ao mesmo Abraão matar Isaac, o filho único, para testar sua fidelidade, da mesma forma como, mais tarde, pactuando com Satanás para testar a de Jó; ora Davi mandando matar Urias, para surrupiar-lhe a mulher, Betsabeia, por sinal a progenitora do grande Salomão, o das trezentas mulheres e seiscentas concubinas; ora... mas por que continuar? A série é imensa e logo compreendi a razão de o livro sagrado ter tido o acesso negado aos seus fiéis pela Igreja, colocando-o no *Index Librorum Prohibitorum* e, por tantos séculos, não poder aparecer nas prateleiras das estantes dos lares católicos, pelo menos até os anos da minha adolescência.

Todo o conhecimento que nos era dado, entre as famílias mais fervorosamente religiosas, e nos colégios aos quais nossos pais entregavam a formação de nossas mentes e a salvação de nossas almas, era o que derivava das versões bowdlerizadas das Histórias Sagradas e o condensado nas fórmulas aforísticas dos catecismos para preparação da primeira comunhão.

O presente ensaio não pretende fazer uma análise comparativa dos textos bíblicos do Gênesis, em suas versões canônicas – hebraica, latinas, e vernáculas para diversos idiomas – como a elaborada para apoiar a tradução brasileira do Cântico dos Cânticos, por mim empreendida em obra anterior<sup>4</sup>, mas reduz-se a comparações entre os textos do Gênesis nas Vulgatas latinas – a Clementina, influenciada pela versão grega do hebraico e do aramaico, trabalhada por São Jerônimo, que serviu de texto litúrgico até meados do século xx – e a Nova Vulgata, resultante da revisão inspirada no recurso às fontes hebraicas mais primitivas, pelos exegetas beneditinos da Escola de Jerusalém, na primeira metade do século xx,

4. Geraldo Holanda Cavalcanti, *O Cântico dos Cânticos: Um Ensaio de Interpretação Através de suas Traduções*, São Paulo, Edusp, 2005.

aprovada pelo Pontífice João Paulo II para uso litúrgico pela Constituição Apostólica, datada de 15 de abril de 1979. Para o texto vernáculo, foi usada a nona edição revista, de 1985, da tradução francesa da *Bíblia de Jerusalém (BJ)*, na sua edição de 1973, publicada conjuntamente pela Sociedade Bíblica Católica Internacional e a editora Paulus. Para o texto judaico foi utilizada *The Jewish Study Bible*, da Jewish Publication Society, editada pela Oxford University Press (*JB*), e para a versão protestante, *The New Oxford Annotated Bible, An Ecumenical Study Bible (OAB)*, na sua terceira edição revisada, igualmente publicada pela Oxford University Press. Para controle da interpretação canônica católica do texto vernáculo foi utilizado o *Catecismo da Igreja Católica, Edição Típica Vaticana*, na sua tradução brasileira, aprovada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, em 1998, que a reconhece “como texto de referência, seguro e autêntico, para o ensino da doutrina católica”.

## A Bíblia, Livro Revelado

A tese da revelação é particularmente importante para as “religiões do Livro”, como são chamadas as que derivam sua doutrina da Bíblia Sagrada. No caso das demais religiões, seu arcabouço mítico é transmitido, basicamente, por via oral, e os livros muitas vezes são meros registros de crenças e de preceitos de conduta, não textos revelados pela divindade. Para os filhos de Abraão, no entanto, a sacralidade do livro é de tal natureza que não se admite possa nele conter-se qualquer erro, e seus pontos obscuros, suas ambiguidades, suas contradições são atribuídas a falhas humanas na sua leitura e não a deficiências intrínsecas do texto revelado. Lê-se no *Catecismo* que Deus serviu-se da pena de homens por ele escolhidos para que escrevessem nos livros sagrados suas palavras, agindo como se fossem autores, mas, neles escrevendo, ou transcrevendo, “tudo e só aquilo que ele próprio queria” (p. 106). A responsabilidade pelo que está escrito é, portanto, divina, somente divina e totalmente divina. Como, porém, os escribas tiveram que levar em conta as condições da época e da cultura contemporâneas, os gêneros literários em uso e os modos então correntes de sentir, falar e narrar, diz o *Catecismo*, pode dar-se o caso de que a mensagem divina não se torne clara para pessoas de outras épocas e lugares, necessitando para sua correta compreensão o auxílio da Tradição Sagrada e, mais especialmente, a mediação do Magistério da Igreja. No caso do catolicismo, articulou-se mesmo um meca-